

## UM OLHAR INCLUSIVO: PROJETO DE EXTENSÃO JOGANDO PARA APRENDER

**NAIÉLEN RODRIGUES SILVEIRA<sup>1</sup>; EDUARDA VESFAL DUTRA<sup>2</sup>; FRANCIÉLE DA SILVA RIBEIRO<sup>3</sup>; ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo –LEECol/ESEF/UFPel -naielenrodrigues@hotmail.com

<sup>2</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo –LEECol/ESEF/UFPel eduarda.dutra1@hotmail.com

<sup>3</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo –LEECol/ESEF/UFPel - frandasilva9@yahoo.com.br

<sup>4</sup>Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo – LEECol/ESEF/UFPel – esppoa@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Nos novos rumos da educação especial no século XXI, tendo como perspectiva a inclusão escolar, não se pode mais pensar em educação especial desvinculada da educação geral. Por conseguinte, a inclusão através do esporte adota um princípio de que nenhum educando deva ficar excluído da prática esportiva, sendo que, o esporte pode ser um canal de socialização positiva e de inclusão social, diante do crescimento de projetos esportivos (MOURA et al., 2011; VIANA; LOVISOLLO, 2009).

A inclusão escolar dar-se-á a partir de esforços para atender de forma apropriada e com qualidade não somente as pessoas com deficiência, mas sim todas as diversidades dos escolares (RODRIGUES, 2006). Destaca-se, que as políticas educacionais para inclusão se proliferaram a partir da Declaração de Salamanca em 1994, no qual adota sistemas mais flexíveis e adaptativos, assim, incluindo o termo “Necessidades Educacionais Especiais” para todas as crianças que tenham algum tipo de dificuldade de aprendizagem, diferenciando-a de deficiência.

No ambiente escolar, é comum utilizar-se do esporte adaptado como meio pedagógico. WINNICK (2004) defende o termo como variação no desenvolvimento da prática e MAUERBERG-DECASTRO (2008) afirma que significa modificações estruturais, equipamentos, materiais e locais, como também mudanças procedimentais realizadas em regras e organizações situacionais.

Em contrapartida, o projeto de Extensão Jogando Para Aprender (JPA), desenvolvido através do Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na Escola Superior de Educação Física (ESEF), atua por meio de uma intervenção pedagógica na rede estadual de ensino da cidade de Pelotas/RS através do método de Iniciação Esportiva Universal proposto por GRECO; BENDA (1998), beneficiando-se do esporte adaptado para realização de suas atividades no decorrer do processo para atender as necessidades de todos os escolares envolvidos.

Diante do exposto, o objetivo do referido trabalho é descrever através de um levantamento de dados, os tipos de deficiências, necessidades educacionais especiais (NEE) e Transtorno do Espectro Autista (TEA) de escolares participantes do projeto de extensão Jogando para Aprender.

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo descritivo qualitativo.

O JPA é coordenado por um professor, supervisionado por alunos do pós-graduação, e contam com a colaboração de nove discentes da graduação de licenciatura em EF para o desenvolvimento das aulas ministradas na escola,

todos da Universidade Federal de Pelotas. As aulas são realizadas duas vezes por semana, com duração de 45 minutos cada, com turmas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental.

A população foi composta por escolares da rede estadual de ensino da cidade de Pelotas/RS, participantes do Projeto JPA. A seleção da amostra foi realizada de forma intencional, tendo como critério de seleção alunos que possuíam deficiência e/ou TEA diagnosticados por laudos médicos, como também alunos com NEE em avaliação, participantes das atividades realizadas individualmente na sala de recurso multifuncional da escola.

O instrumento utilizado para coleta de dados, foi uma lista disponibilizada pela secretaria da escola e pela professora coordenadora da sala de recurso multifuncional, contendo os nomes dos participantes do atendimento educacional especializado, bem como uma conversa formal com a mesma. O processo de levantamento dos dados foi realizado na ESEF/UFPel, sendo categorizados da seguinte maneira: I) alunos com TEA; II) alunos com deficiência; III) alunos com NEE. Após foram elencados os níveis TEA, às descrições das possíveis NEE e os tipos de deficiências dos participantes.

Como aspectos éticos, os responsáveis foram submetidos a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da ESEF/UFPel, com o parecer sob o nº 2.955.536.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto de Extensão JPA, contém 110 escolares, com idades entre seis a 14 anos. A intervenção pedagógica é dividida por turmas, sendo denominadas (T1, T2, T3 e T4). A T1 é composta por alunos do primeiro e segundo ano; a T2 é constituída por alunos do terceiro ano; a T3 por escolares do quarto ano e a T4 por alunos do quinto ano.

Dentre os escolares participantes do projeto, contém um total de 11 alunos com algum tipo de deficiência; TEA e/ou NEE.

A turma T2 possui três escolares com TEA, com diagnósticos de nível um e dois. De acordo com o DSM-V (2013) é classificado como TEA: o Autismo, Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo e Transtorno Global do Desenvolvimento. Os níveis de TEA são definidos por gravidade sendo: Nível I - exigindo apoio, conhecido popularmente como nível leve; Nível II - exigindo apoio substancial, conhecido como nível moderado; Nível III - exigindo apoio muito substancial, conhecido comumente por nível severo.

O TEA também é definido por padrões repetitivos e restritos de comportamento, atividades ou interesses, variando suas manifestações de acordo com a idade, capacidade, intervenções e apoios atuais. Assim, apresentam comportamentos estereotipados ou repetitivos, tendo estereotipias motoras simples como exemplos abanar as mãos, estalar os dedos e assoviar; comumente utilizam objetos repetidos por longa duração; e emergem falas igualitárias como ecocalias, repetição de palavras atrasadas e utilização de pronomes iguais com frequência (DMS-V, 2013).

Segundo TOMÉ (2007), a participação de crianças com TEA nas aulas de educação física possibilita um melhor desenvolvimento das habilidades sociais e motoras, além de contribuir para uma vida saudável e propiciar aos alunos o gosto pela prática de atividade física. Estudos ainda evidenciam que há melhorias comportamentais através de programas de abordagem motora significativas em pessoas com TEA, observando redução dos comportamentos estereotipados, antissociais e mal adaptativos, reduzindo a desatenção e

melhorando aspectos motores como flexibilidade, força muscular e equilíbrio (AGUIAR; PEREIRA; BAUMAN, 2017).

Os alunos diagnosticados com deficiências são participantes das turmas T3, T4 e T5, sendo dois alunos com deficiência intelectual e um aluno com Síndrome de Down (SD).

O Transtorno do Desenvolvimento Global (Deficiência Intelectual) é um transtorno com início no período do desenvolvimento que inclui *déficits* funcionais, intelectuais e adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático, sendo diagnosticados através de gravidade: leve; moderada; grave e profunda (DMS-V, 2013). A SD é causada por uma cópia extra total ou parcial do cromossomo 21 (BAYNARD et al, 2008). Um estudo de MARQUES (2008), descreve algumas características físicas das pessoas com SD, onde determinadas partes do corpo podem ter aspectos diferentes, como também hipotonía muscular, frouxidão ligamentar e instabilidade atlanto axial.

LEMOS (2003) afirma que indivíduos com deficiência que praticam esporte e atividades físicas vivenciam seus corpos de maneira diferente, igualando-se nas condições dos demais. Pode ser observado também, em um programa de intervenção motora inclusiva, realizado com crianças com deficiência intelectual, SD e síndrome do Sexo Frágil, melhorias significativas após intervenção, no comportamento motor e social, enfatizando contribuições nas atitudes com os adultos e relacionamento com os colegas (BOCCARDI, 2003).

No projeto participam cinco alunos com Necessidades Educacionais Especiais, sendo dois na T1 e três na T4, variando em escolares com *déficit* comportamental e os demais alunos em processo de avaliações para diagnósticos de possíveis deficiências.

Os alunos que frequentam a sala de recursos multifuncional da escola e em contrapartida participam das atividades do projeto, possuem dificuldades de aprendizagem, entretanto os professores atuantes no projeto percebem melhorias no comportamento, tais como aprendizagem das atividades propostas, relacionamento com os colegas e professores, e participação efetiva na intervenção, já que no início eles tinham dificuldades para participar das aulas.

#### 4. CONCLUSÕES

Compreender a quantidade de alunos com algum tipo de necessidade educacional de aprendizagem especial, através de laudos descritivos e diagnósticos médicos, possibilita embasamentos para melhores construções e realizações de atividades através do esporte adaptado, ainda assim, contribuir para criação de novos métodos de ensino, visto que, os discentes participantes do projeto de extensão JPA entenderão como os alunos com necessidades especiais atuam, compreendendo as suas características e limitações, podendo assim, construir e aprimorar o processo inclusivo dos escolares, proporcionando um ambiente ativo, colaborativo e construtivo entre os educandos típicos, professores e os alunos com necessidades educacionais especiais, Transtorno do Espectro Autista e com deficiências.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R.P; PEREIRA, F.S; BAUMAN, C.D. Importância da prática de atividade física para as pessoas com autismo. *Journal of Health & Biological Sciences*, v.5, p.178-183, 2017.

American Psychiatric Association. **Manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais DMS-V.** Washington: Artmed, 2013.

BAYNARD, T. et al. Alterações relacionadas à idade na capacidade aeróbia em indivíduos com retardo mental: uma revisão de 20 anos. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, v.40, n.11, p. 1984–1989, 2008.

BOCCARDI, D. **Programa de intervenção motora lúdica inclusiva: Análise motora e social de casos específicos de deficiência mental, síndrome do x-frágil, síndrome de Down e criança típica.** 2003. Dissertação de Mestrado - Programa de pós graduação em ciência do movimento humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência da Presidência da República, 1994.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

LOVISO, H.R; VIANNA, J.A. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 15, núm. 3, p. 145-162, jul 2009.

MARQUES, A.C. **O perfil de estilo de vida de pessoas com Síndrome de Down e normas para avaliação da aptidão física.** 2008. Tese de doutorado - Programa de pós graduação em ciência do movimento humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MAUERBERG-DECASTRO, E. Adapted physical activity in Brazil: history, theoretical foundations, and professional action. **Journal of the Brazilian Society of Adapted Motor Activity**, Rio Claro, v. 12, n. 1. p. 64- 73, 2007.

MOURA, W.L et al. Importância da prática esportiva como meio de inclusão social para pessoas com deficiência mental na cidade de Montes Claros - MG. **Motricidade**, Vila Real, vol. 8, n. 2, p. 613- 623,2012.

RIBEIRO, S.M. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física.** 2009. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de PósGraduação em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba.

RODRIGUES, D. As promessas e as realidades da inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de educação física. In: RODRIGUES, D (Org.). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo.** São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 63-69.

TOMÉ, M.C. Educação Física Como Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e Corporal de Autistas. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, v.8, n.11, p. 231-248, 2007.

WINNICK, J.P. **Educação física e esportes adaptados.** São Paulo: Manole, 2004.